

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

Curso de Nutrição

Amanda Nascimento Superti

Ana Beatriz Santos Cardoso de Sá

Andreissa de Fátima Sousa Costa

**INFLUÊNCIAS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA AUTORREGULAÇÃO E NO
COMPORTAMENTO ALIMENTAR DURANTE A PRIMEIRA INFÂNCIA**

São Paulo

2024

Amanda Nascimento Superti
Ana Beatriz Santos Cardoso de Sá
Andreissa de Fátima Sousa Costa

**INFLUÊNCIAS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA AUTORREGULAÇÃO E NO
COMPORTAMENTO ALIMENTAR DURANTE A PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Nutrição do
Centro Universitário São Camilo,
orientado pela Prof^a Aline de Piano
Ganen, como requisito parcial para
obtenção do título de Nutricionista.

São Paulo

2024

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecas São Camilo

Superti, Amanda Nascimento

Influências das práticas parentais na autorregulação e no comportamento alimentar durante a primeira infância / Amanda Nascimento Superti, Ana Beatriz Santos Cardoso de Sá, Andreissa de Fátima Sousa Costa. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2024.

41 p.

Orientação de Aline de Piano Ganen.

Trabalho de Conclusão de Curso de Nutrição (Graduação), Centro Universitário São Camilo, 2024.

1. Comportamento alimentar 2. Desenvolvimento infantil 3. Infância 4. Poder familiar I. Sá, Ana Beatriz Santos Cardoso de II. Costa, Andreissa de Fátima Sousa III. Ganen, Aline de Piano IV. Centro Universitário São Camilo V. Título

CDD: 613.2

Amanda Nascimento Superti
Ana Beatriz Santos Cardoso de Sá
Andreissa de Fátima Sousa Costa

**INFLUÊNCIAS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA AUTORREGULAÇÃO E
COMPORTAMENTO ALIMENTAR DURANTE A PRIMEIRA INFÂNCIA**

São Paulo, 18 de novembro de 2024

Aline de Piano Ganen

Professor avaliador

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado às nossas famílias e amigos, que nos proporcionaram amor e apoio incondicional ao longo de nossa trajetória. Agradecemos também aos nossos namorados, noivos e esposos, cuja parceria e motivação foram fundamentais para a realização deste projeto. Que este trabalho seja um reflexo da força da colaboração e do amor que nos une. A todos vocês, nossa eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos sinceramente a todos que contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Em primeiro lugar, expressamos nossa profunda gratidão às nossas orientadoras, cujo apoio e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto. Agradecemos também às nossas famílias, que nos ofereceram amor, paciência e encorajamento em todos os momentos dessa jornada.

Aos nossos colegas e amigos, que estiveram ao nosso lado, oferecendo suporte e motivação, nosso muito obrigado. Por fim, agradecemos a todos os autores e pesquisadores cujas obras inspiraram e fundamentaram nossa pesquisa. Este trabalho é o resultado de um esforço conjunto e a contribuição de cada um foi valiosa para nós. A todos, nosso sincero agradecimento!

RESUMO

Introdução: A primeira infância, período de 0 a 6 anos, é crucial para o desenvolvimento cerebral e a formação de habilidades complexas. Durante essa fase, o cérebro é altamente adaptável, mas também vulnerável ao estresse elevado, o que pode resultar em problemas de saúde física e mental em longo prazo. O desenvolvimento infantil e a saúde futura estão intimamente ligados aos hábitos nutricionais adquiridos desde a vida intrauterina. A formação das preferências alimentares é um processo complexo influenciado por fatores relacionados ao alimento, ao ambiente e ao indivíduo. Os pais desempenham um papel fundamental na modelagem do comportamento alimentar de seus filhos. **Objetivo:** Avaliar as influências das práticas parentais na autorregulação e comportamento alimentar durante a primeira infância. **Métodos:** Foi realizada uma revisão bibliográfica descritiva, com busca de literatura em livros, dissertações, teses e periódicos nas bases de dados SCIELO e PUBMED, utilizando as palavras-chave "autorregulação", "comportamento alimentar infantil", "estilos parentais" e "práticas parentais", em português e inglês, entre 2011 e 2024. A partir da revisão, foi desenvolvido um e-book abordando estratégias nutricionais para pais e responsáveis, com foco na promoção de autorregulação alimentar e comportamentos alimentares saudáveis. **Desenvolvimento:** O comportamento alimentar é moldado por fatores externos e internos, incluindo experiências alimentares e influências psicossociais. A autorregulação alimentar envolve a sensação de fome e saciedade, e é crucial para prevenir a obesidade. A formação das preferências alimentares começa na vida intrauterina e é influenciada pela alimentação materna. A introdução alimentar deve ser variada para incentivar a aceitação de novos alimentos. Os estilos parentais, definidos como autoritativos, autoritários, permissivos e negligentes, e as práticas específicas, como restrição e pressão para comer, têm um impacto significativo no comportamento alimentar das crianças. O apoio à autonomia e a estrutura nas práticas parentais promovem a autorregulação alimentar e a adoção de hábitos alimentares saudáveis. **Conclusão:** Compreender os processos de aprendizagem e os fatores que influenciam o comportamento alimentar na primeira infância é essencial para a promoção de hábitos alimentares saudáveis que perdurem ao longo da vida. O desenvolvimento de materiais educativos para pais pode contribuir para a prevenção da obesidade infantil e melhorar a saúde futura das crianças. Os estilos e práticas parentais são determinantes críticos na formação do comportamento alimentar, e estratégias que promovam a autorregulação e a educação nutricional são fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças.

Palavras-Chaves: hábitos alimentares; comportamento alimentar; primeira infância; responsabilidade parental; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Introduction: Early childhood, the period from 0 to 6 years, is crucial for brain development and the formation of complex skills. During this phase, the brain is highly adaptable but also vulnerable to elevated stress, which can result in long-term physical and mental health problems. Child development and future health are closely linked to nutritional habits acquired from intrauterine life. The formation of food preferences is a complex process influenced by factors related to food, the environment, and the individual. Parents play a fundamental role in shaping their children's eating behavior. **Objective:** To evaluate the influences of parental practices on self-regulation and eating behavior during early childhood. **Methods:** A descriptive literature review was conducted, searching for literature in books, dissertations, theses, and journals in the SCIELO and PUBMED databases, using the keywords "self-regulation," "child eating behavior," "parenting styles," and "parental practices," in Portuguese and English, between 2011 and 2021. Based on the review, an e-book was developed addressing nutritional strategies for parents, focusing on promoting eating self-regulation and healthy eating behaviors. **Development:** Eating behavior is shaped by external and internal factors, including food experiences and psychosocial influences. Eating self-regulation involves the sensation of hunger and satiety and is crucial for preventing obesity. The formation of food preferences begins in intrauterine life and is influenced by maternal diet. Food introduction should be varied to encourage the acceptance of new foods. Parenting styles, defined as authoritative, authoritarian, permissive, and neglectful, and specific practices, such as restriction and pressure to eat, have a significant impact on children's eating behavior. Support for autonomy and structure in parental practices promote eating self-regulation and the adoption of healthy eating habits. **Conclusion:** Understanding the learning processes and factors that influence eating behavior in early childhood is essential for promoting healthy eating habits that last throughout life. Developing educational materials for parents can contribute to preventing childhood obesity and improving children's future health. Parenting styles and practices are critical determinants in shaping eating behavior, and strategies that promote self-regulation and nutritional education are fundamental for the healthy development of children.

Keywords: eating habits; eating behavior; early childhood; parental responsibility; child development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA	13
3 OBJETIVOS	14
3.1 OBJETIVO GERAL	14
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
4 MATERIAL E MÉTODO	15
5 DESENVOLVIMENTO	16
5.1 FORMAÇÃO DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR NA INFÂNCIA.....	16
5.2 FATORES DETERMINANTES DAS ESCOLHAS ALIMENTARES.....	17
5.3 ESTILOS E PRÁTICAS PARENTAIS.....	21
5.4 EFEITOS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA AUTORREGULAÇÃO E COMPORTAMENTO ALIMENTAR DURANTE A PRIMEIRA INFÂNCIA.....	24
5.5 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS	26
6 E-BOOK	32
7 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A Primeira infância corresponde à fase de 0 a 6 anos. A relevância desse período se deve pelo desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, importantes para o aprimoramento de habilidades mais complexas para a criança. Desta forma, um desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida, facilita a adaptação da criança a novos ambientes, bem como a aquisição de novos conhecimentos (Ministério da Saúde, 2014).

Durante esse período de intenso desenvolvimento, o cérebro apresenta alta capacidade de adaptação, o que significa que o desenvolvimento dos circuitos cerebrais também é fortemente sensível aos efeitos disruptivos ativados pelo estresse elevado. Nesse caso, libera-se diversos hormônios, respostas imunes e neurotransmissores que afetam principalmente as áreas cerebrais de regulação de emoções, memória e funções executivas e, conseqüentemente, afeta os sistemas imune, neuroendócrino, cardiovascular e gastrointestinal (Shonkoff *et al.*, 2020).

Como resultado do estresse elevado, o indivíduo se torna mais suscetível a desenvolver doenças mentais (como depressão, ansiedade, alcoolismo, abuso de drogas) ou físicas (como doenças cardiovasculares, diabetes, AVC). Desta forma, as experiências iniciais da criança afetam-na não só quando ocorrem, mas também no futuro (*National Scientific Council On The Developing Child*, 2014). Sendo assim, o desenvolvimento infantil e a saúde em longo prazo, estão conectados aos hábitos nutricionais adquiridos desde o início da vida intrauterina (Scaglioni *et al.*, 2011).

A adversidade na infância pode influenciar sistemas neurobiológicos flexíveis que controlam o controle inibitório, a regulação fisiológica, as estratégias de enfrentamento e o comportamento alimentar, o que pode levar a um aumento na alimentação obesogênica em resposta ao afeto negativo (Kazmierski *et al.*, 2022).

Neste contexto, os determinantes do consumo alimentar são fatores que afetam a escolha dos alimentos através de pensamentos e sentimentos individuais, resultando em ações ou comportamentos. A escolha alimentar diz respeito às decisões conscientes e inconscientes tomadas em relação à alimentação (Moura *et al.*, 2020).

As escolhas alimentares são processos dinâmicos, construídas por diversos tipos de determinantes e, portanto, são moldadas pelos processos e características em diferentes níveis, englobando aspectos biológicos, socioeconômicos, antropológicos e psicológicos relacionadas ao alimento, ao ambiente e ao comedor (Fernqvist; Spendrup; Tellström, 2024).

A formação das preferências alimentares é, portanto, um processo complexo que envolve múltiplos fatores e decisões que podem ser conscientes, automáticas, habituais e subconscientes. Essa seleção alimentar pode variar ao longo dos anos, prevalecendo os sinais biológicos no início da vida, se alterando no decorrer em função da aprendizagem de sinais externos e levando em conta crenças, atitudes e cognições na vida adulta (Estima; Philipp; Alvarenga, 2019).

Considerando que a formação da criança se inicia ainda na primeira infância, e que os pais e as mães desempenham um papel fundamental na formação do ambiente e na socialização alimentar das crianças, há estudos que indicam que suas características pessoais, suas reações aos problemas alimentares dos filhos e os aspectos do ambiente alimentar podem impactar positiva ou negativamente os hábitos e a saúde das crianças e, por isso, são uma das variáveis mais importantes que afeta o desenvolvimento das preferências alimentares das crianças (Hasbani *et al.*, 2023)

Os pais são fundamentais na formação do ambiente alimentar dos filhos, influenciando por meio de seus comportamentos, as escolhas alimentares, horários e interações durante as refeições. Para avaliar os comportamentos parentais, uma das ferramentas mais utilizadas é o questionário *Child Feeding*, que inclui sete subescalas. Quatro abordam preocupações com o peso dos pais e dos filhos, enquanto as outras três analisam práticas como restrição, pressão para comer e monitoramento (Costa; Oliveira, 2023).

Considerando o comportamento dos pais diante de seus filhos, estudos utilizam quatro protótipos parentais desenvolvidos por Baumrind (1971), para demonstrar sua influência no comportamento alimentar da criança. Existem os autoritativos, que são exigentes e receptivos, caracterizando-se principalmente por monitorar o comportamento da criança e transmitirem padrões claros sem recorrer a abordagens invasivas ou restritivas; os autoritários, caracterizados pelos altos níveis de controle sob a criança; os permissivos, que tendem a ser menos exigentes, exigem

comportamento maduro e tendem a ser tolerantes e evitar confronto; e os negligentes, que acabam não sendo nem exigentes nem receptivos (Agostoni; Cosmi; Scaglioni, 2017).

Por definição, a fome corresponde ao desejo por comida e está associada a diversos efeitos fisiológicos, como contrações rítmicas do estômago e inquietude, provocando no indivíduo a procura por suprimento alimentar. O termo apetite refere-se ao desejo por alimento específico de forma a influenciar na escolha da qualidade a ser ingerida. A saciedade, por sua vez, compreende a busca bem-sucedida por alimento. Para cada um desses processos, a interação de múltiplos fatores fisiológicos, culturais e ambientais que atuam direta ou indiretamente no hipotálamo tem o potencial regulador de seus efeitos (Hall; Hall, 2021).

O hipotálamo é responsável pela regulação da fome e da saciedade no sistema nervoso central. Sua interação com mediadores químicos e sensoriais advindos do estômago, do tecido adiposo e do córtex cerebral (visão, olfato e paladar) geram a estimulação (fome) ou a inibição (saciedade) do mesmo. No que tange a quantidade de alimento ingerido por refeição e os sentimentos de fome e de saciedade, dois processos merecem destaque: a regulação de curto prazo e a regulação de longo prazo. No curto prazo, a sensação de saciedade com parada da ingestão em cada refeição ocorre com a finalidade de evitar a superalimentação. Ou seja, o indivíduo percebe o momento exato em que deve parar de comer, atingindo, assim, a saciedade propriamente dita. Já ao longo prazo, a filosofia por trás do processo diz respeito à estabilidade dos níveis nutricionais atingidos até aquele momento da vida. Isso quer dizer que há uma tendência a "inércia", ou seja, se houver acúmulo de nutrientes, a fome diminui e, se houver queda desses nutrientes, a fome aumenta (Hall; Hall, 2021).

Na literatura, evidências apontam para o excesso de peso e pior qualidade de alimento ingerido quando associado a fatores distratores como o uso de telas durante as refeições (Ding; Xu, 2024; Fang *et al.*, 2019; Jia *et al.*, 2023).

Outra revisão sistemática sobre este tema concluiu que as práticas parentais, como o controle da ingestão alimentar, a pressão para comer, a disponibilidade de alimentos saudáveis e até mesmo a recompensa como forma de controlar a alimentação da criança, são fatores importantes na formação dos hábitos alimentares na primeira infância. Além disso, os pais desempenham um papel fundamental na

promoção da autorregulação alimentar das crianças, que é a capacidade de reconhecer e responder aos sinais internos de fome e saciedade (Jansen *et al.*, 2017).

2 JUSTIFICATIVA

Diante do aumento significativo da obesidade infantil e suas consequências futuras, tais como aumento de comorbidades na vida adulta, incluindo diabetes, dislipidemias e doenças cardiovasculares, torna-se de grande relevância compreender a formação do comportamento alimentar desde a vida uterina. Assim como identificar os fatores determinantes das escolhas alimentares e analisar a influência das práticas parentais no comportamento alimentar das crianças, uma vez que poderá contribuir para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e tratamento da obesidade infantil, bem como na vida adulta.

Para conscientizar e orientar famílias sobre a influência que exercem na formação dos hábitos alimentares de suas crianças, propõe-se a criação de um e-book informativo. Este recurso abordará estratégias nutricionais específicas para cada fase do desenvolvimento, desde a gestação até a primeira infância. Ao fornecer informações detalhadas e práticas, espera-se promover a autorregulação e a formação de comportamentos alimentares saudáveis durante os primeiros anos de vida, de modo que perdurem ao longo da vida do indivíduo.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar as influências das práticas parentais na autorregulação e comportamento alimentar durante a primeira infância.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a formação do comportamento alimentar na infância, os fatores determinantes das escolhas alimentares e os estilos e práticas parentais;
- Explorar estudos da literatura que revelem os efeitos das práticas parentais na autorregulação e comportamento alimentar durante a primeira infância;
- Elaborar um material educativo para pais e/ou responsáveis sobre as principais orientações e estratégias nutricionais direcionadas para os respectivos estilos parentais com objetivo de promover a autorregulação e comportamento alimentar funcional durante a primeira infância.

4 MATERIAL E MÉTODO

Este estudo consistiu em uma revisão bibliográfica descritiva, na qual foi realizada uma busca literária sobre o tema em livros, dissertações, teses e periódicos científicos, utilizando as bases de dados eletrônicas SCIELO e PUBMED. Foram selecionados 44 artigos, rastreados por meio da técnica booleana “and”, utilizando as palavras-chave “autorregulação”, “comportamento alimentar infantil”, “estilos parentais” e “práticas parentais”, com publicações em português e inglês, abrangendo o período de 2011 a 2024.

Com base nessa revisão de literatura, desenvolveu-se um material em formato de livro digital (E-Book) intitulado “Crescendo Saudável: como promover desde cedo uma relação positiva da criança com a comida”, voltado para pais e responsáveis. O E-Book, com 33 páginas e linguagem acessível, inclui definições sobre autorregulação, práticas e estilos parentais, além de orientações sobre a alimentação durante a gestação, com o intuito de estimular o paladar do bebê desde a vida intrauterina. O material apresenta exemplos de atitudes e atividades educativas com caráter autoritativo, ao mesmo tempo em que destaca práticas e comportamentos negativos que podem prejudicar a relação da criança com os alimentos.

Estruturado em dez capítulos, o E-Book aborda aspectos cruciais da alimentação infantil e seu impacto no desenvolvimento saudável das crianças. O primeiro capítulo analisa as diferenças entre comportamento, hábitos e atitudes alimentares, essencial para a compreensão da formação das preferências alimentares. Em seguida, explora-se o conceito de autorregulação, fundamental para que as crianças aprendam a reconhecer e responder aos sinais de fome e saciedade, especialmente durante a introdução alimentar. A obra discute a alimentação nas diferentes fases da vida, ressaltando seu impacto futuro na saúde. Também é apresentada a classificação do estilo parental, seguida por práticas parentais positivas e negativas que influenciam o bem-estar infantil. Por fim, são discutidos os fatores que determinam o consumo alimentar, juntamente com estratégias e atividades que os pais podem implementar para promover a autorregulação nas refeições, evidenciando a importância da educação alimentar desde a infância. Este material se configura como uma ferramenta para fomentar uma relação saudável entre crianças e a alimentação, contribuindo para o desenvolvimento de hábitos alimentares no futuro.

5 DESENVOLVIMENTO

5.1 FORMAÇÃO DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR NA INFÂNCIA

Caracteriza-se como comportamento alimentar, um conjunto de fatores externos e internos, incluindo desde os alimentos consumidos de forma repetida no dia a dia, até fatores psicossociais, que influenciam as experiências alimentares da criança desde seu nascimento. Esse processo é substancialmente influenciado pelo ambiente no qual a criança está imersa e, a partir disso, são apresentadas à criança as sensações de fome e saciedade, assim como, é iniciado o desenvolvimento de sua percepção dos sabores e de suas preferências (Ergang *et al.*, 2023).

No que diz respeito à ingestão, a autorregulação alimentar é o processo pelo qual uma pessoa ajusta sua ingestão de alimentos com base em sinais internos, envolvendo dois componentes principais: a sensação de fome e de saciedade (Vohs; Baumeister, 2016).

Nesse sentido, a primeira infância é um período de maleabilidade do desenvolvimento, em que as crianças formam as suas preferências e comportamentos alimentares. A forma como isto acontece, impacta em longo prazo na sua capacidade de autorregulação, por isso, a introdução alimentar deve ser guiada de forma responsável e cuidadosa (Vainik *et al.*, 2013).

O estudo de Birch e Anzman (2010) identificou três processos relevantes para o aprendizado precoce das crianças sobre comida e alimentação. A familiarização refere-se ao impacto positivo que a exposição repetida a um estímulo tem sobre o paladar. Ela se inicia desde o período pré-natal, no qual a criança percebe os sabores dos alimentos consumidos pela mãe no líquido amniótico, e continua após nascer, durante o aleitamento materno e a exposição repetida a uma variedade de alimentos sólidos oferecidos pelos pais durante a primeira infância (Birch; Doub, 2014).

Um estudo revelou que intervenções lideradas pelos pais, baseadas na exposição por meio da degustação diária de vegetais inicialmente desagradáveis para as crianças, resultaram em um aumento da aceitação desses alimentos (Fildes *et al.*,

2014). Já a aprendizagem associativa ou condicionamento ocorre quando uma avaliação positiva ou negativa de um estímulo surge por meio de sua associação com um segundo estímulo já apreciado (Birch; Anzman, 2010).

Um estudo transversal avaliou o impacto da pressão para comer em crianças chinesas com transtorno do espectro autista. Como resultado, foi demonstrado que a pressão para comer foi positivamente associada a altos níveis de neofobia alimentar nas crianças, o que por sua vez impactou negativamente a qualidade alimentar (Xie *et al.*, 2024). Outro estudo, demonstrou que combinar alimentos com atenção positiva aumentou a aceitação das crianças por esses alimentos (Holley; Haycraft; Farrow, 2015). E, por fim, a aprendizagem observacional ou aprendizagem social refere-se à inclinação humana natural para observar e imitar os comportamentos dos outros (Carcea; Froemke, 2019).

Edelson, Mokdad e Martin (2016) demonstraram por meio da avaliação semanal de consumo de 60 famílias estadunidenses com filhos de até 36 meses, que a modelagem é uma das estratégias mais eficientes para incentivar o consumo de determinados alimentos. No entanto, é importante ressaltar que essa medida foi efetiva com todos os grupos alimentares. Portanto, os pais devem ter cuidado ao modelar o consumo de alimentos saudáveis, uma vez que as crianças podem imitar padrões de saudáveis e não saudáveis.

Nesse contexto, é possível afirmar que o ambiente obesogênico moderno desafia a nossa capacidade de autorregulação, o que não é algo estático, já que pode ser comprometida por diversos fatores externos. O comprometimento da autorregulação do apetite é uma das principais causas da obesidade, que por si só tem enormes consequências para a saúde pública (Stoeckel *et al.*, 2017).

Sendo assim, compreender os processos de aprendizagem que fundamentam o desenvolvimento das preferências e da autorregulação alimentar durante a primeira infância é importante porque o que as crianças aprendem neste período afeta o comportamento alimentar que terão ao longo de suas vidas e, subsequente, o seu crescimento, desenvolvimento e ganho de peso (Birch; Doub, 2014).

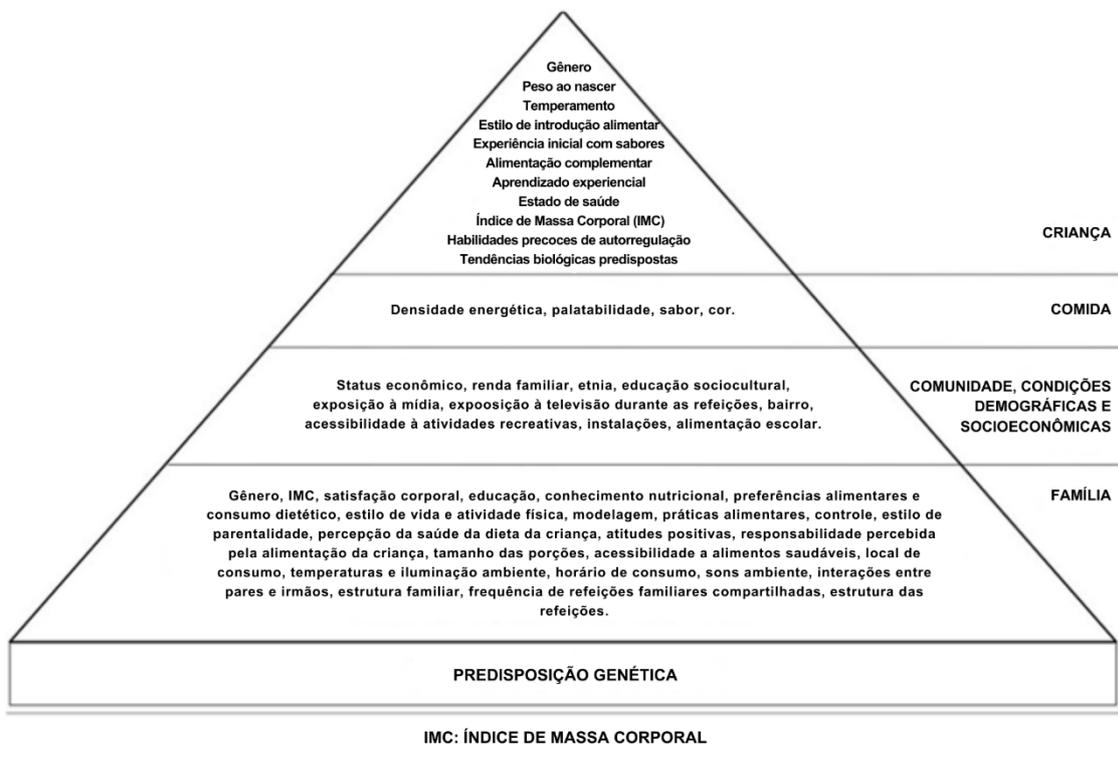
5.2 FATORES DETERMINANTES DAS ESCOLHAS ALIMENTARES

As preferências alimentares mudam ao longo da vida, sob a influência de fatores biológicos, sociais e ambientais; essas preferências são determinantes-chave das escolhas alimentares e, assim, da qualidade da dieta de cada indivíduo (Scaglioni *et al.*, 2018).

Os padrões alimentares que se formam durante a infância tendem a perdurar, logo, uma dieta limitada na infância pode levar a uma maior suscetibilidade aos sinais de fome e, conseqüentemente, um aumento do risco de obesidade na vida adulta (Finnane *et al.*, 2017).

A partir da Teoria dos Sistemas Ecológicos, de Urie Bronfenbrenner (1986), é possível afirmar que o comportamento humano depende da interação de diferentes fatores intrínsecos (genética, gênero, idade) e fatores ambientais (família, pares, comunidade e sociedade) (Figura 1) (Agostoni; Cosmi; Scaglioni, 2017).

Figura 1 – Fatores ambientais que influenciam o comportamento alimentar infantil.



Fonte: adaptado de Agostoni; Cosmi; Scaglioni, 2017.

A exposição aos sabores inicia-se na vida pré-natal do indivíduo. Essa interação com gostos no ambiente intrauterino pode causar efeitos permanentes no tecido em desenvolvimento. Esses efeitos são chamados de “programação” e são importantes fatores de risco para doenças crônicas no final da idade adulta (Muniandy *et al.*, 2016).

Mais tarde, durante a amamentação, os bebês adquirem novas experiências sensoriais, a partir dos sabores dos alimentos ingeridos pela mãe. Deste modo, uma dieta variada da mãe durante o período de amamentação poderia explicar por que seus filhos amamentados tendem a ser menos exigentes e mais dispostos a experimentar novos alimentos durante a infância (Forestell, 2016).

É importante ressaltar que a experiência inicial de sabor das crianças alimentadas com fórmula difere notavelmente daquelas que são amamentadas. As crianças que recebem exclusivamente fórmula não desfrutam da diversidade de sabores em constante evolução encontrada no leite materno. Sua experiência de sabor é mais uniforme e carente das variedades de sabores presentes na dieta da mãe. Além disso, existem diferenças nos sabores entre diferentes tipos e marcas de fórmulas, e os bebês alimentados com fórmula tendem a desenvolver preferência pelos alimentos que contenham sabores parecidos com os da fórmula (Mennella, 2014).

Após o primeiro semestre de vida, durante o qual a amamentação é a única forma de alimentação, as necessidades do bebê evoluem de acordo com seu desenvolvimento biológico. A partir do segundo semestre, a criança começa a explorar e aprender sobre a alimentação, influenciada pela cultura do seu ambiente social. Nesse processo, a criança desenvolve suas preferências alimentares por meio da exposição repetida a diferentes sabores, da conexão emocional com os alimentos consumidos, das experiências vividas e da satisfação fisiológica resultante da alimentação (Schratz *et al.*, 2023).

Nesse início, são principalmente os pais quem conduzem quais alimentos serão oferecidos ao bebê. Então, é importante que estejam cientes de que a exposição a

uma variedade de alimentos durante o período da introdução alimentar ajuda a modular a aceitação de novos alimentos principalmente no primeiro ano, enquanto a exposição no segundo ano pode ter um impacto mais limitado (Bouhlal *et al.*, 2014). Por isso, as interações entre pais e filhos no ambiente familiar e doméstico moldam o desenvolvimento e o estabelecimento dos comportamentos alimentares e da autorregulação alimentar das crianças (Birch, 2006).

O período de introdução de novos alimentos desempenha um papel fundamental na prevenção da obesidade, bem como na formação das preferências gustativas e na atitude da criança em relação à comida. Os pais desempenham um papel crucial ao orientar seus filhos em diferentes aspectos relacionados à alimentação, incluindo o que, quando e quanto comer, transmitindo também crenças e práticas culturais e familiares relacionadas à alimentação. A influência dos pais é significativa: reflete-se tanto pelo que está no prato como pelo contexto em que é oferecido (Agostoni, Cosmi; Scaglioni, 2017).

As práticas parentais de alimentação infantil são fundamentais na formação dos ambientes alimentares das crianças e nas suas preferências de desenvolvimento. O ideal é que estas práticas sejam direcionadas para promover padrões de ingestão que incentivem o desenvolvimento saudável das crianças. No entanto, é possível que produzam consequências negativas não-intencionais (Schratz *et al.*, 2023).

Práticas alimentares, como restringir alimentos considerados não saudáveis e pressionar ou coagir as crianças a comerem alimentos mais saudáveis, como frutas e vegetais, podem ser contraproducentes (Gerards; Kremers, 2015), assim como a restrição alimentar e a pressão para comer demonstra estar significativamente relacionadas à preferência da criança por alimentos ricos em gordura e açúcar (Vollmer; Baietto, 2017).

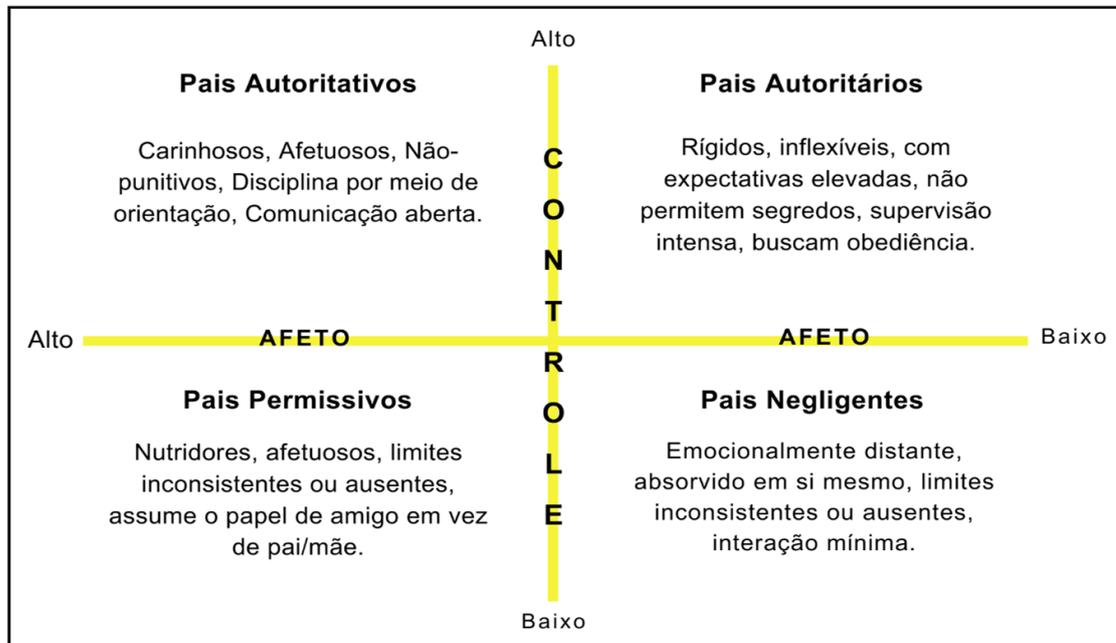
Além disso, a literatura aponta que as crianças sujeitas a estas práticas alimentares têm menos sucesso na autorregulação da sua ingestão de alimentos do que as crianças cujos pais as incentivam a concentrar-se nos seus sinais internos de saciedade e fome (Stoeckel *et al.*, 2017).

5.3 ESTILOS E PRÁTICAS PARENTAIS

Na infância, período no qual ocorre o desenvolvimento de hábitos, preferências e comportamentos alimentares, os pais são os principais determinantes da qualidade e da quantidade de alimentos que as crianças consomem. Por isso, a ingestão alimentar das crianças pode ser influenciada pela abordagem geral dos pais na criação de seus filhos (ou seja, os estilos de parentalidade) ou pelas práticas parentais específicas (por exemplo, práticas parentais relacionadas à alimentação) (Gerards; Kremers, 2015).

Desenvolvidos há quase quatro décadas, por Baumrind (1971), os estilos parentais se referem à forma como os pais criam seus filhos em diversas situações e reflete o ambiente emocional no qual as crianças são criadas. Eles são considerados amplos, com uma extensão de domínios parentais, que envolvem alimentação, atividade física, hora de dormir, hora de brincar, hora do banho e educação, por exemplo. Esses quatro estilos parentais foram identificados como: autoritários, autoritativos, permissivos e negligentes (Figura 2).

Figura 2 – Estilos Parentais.

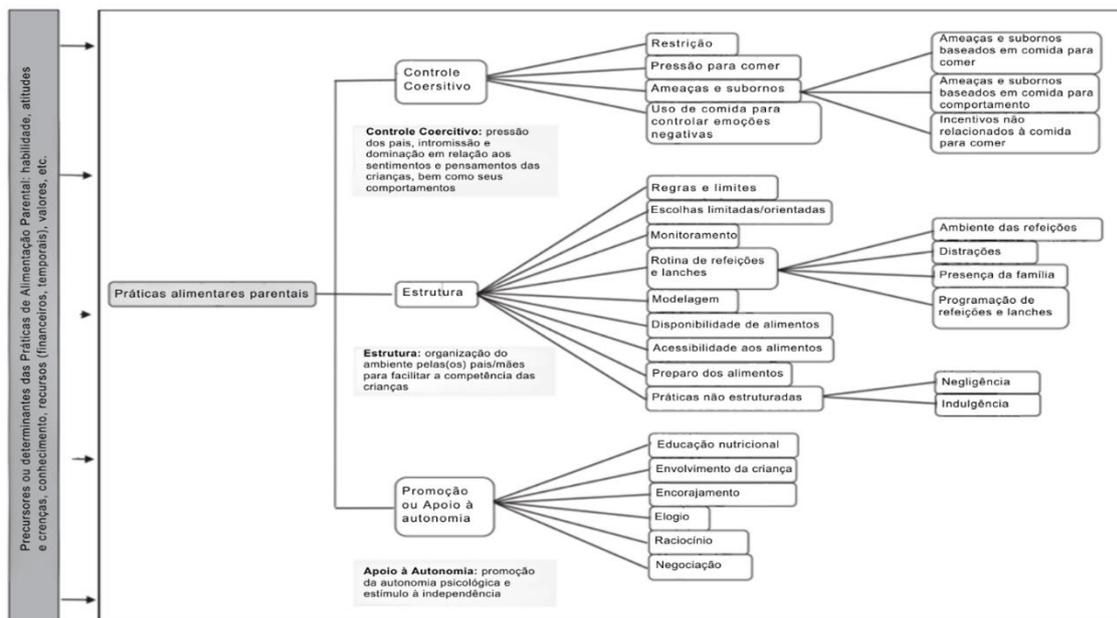


Fonte: Adaptado de Baumrind, 1971.

Os pais com estilo autoritativo combinam exigência e receptividade, demonstrando níveis elevados de controle e afeto. Eles monitoram o comportamento da criança, estabelecem padrões claros, mas evitam abordagens invasivas ou restritivas. Em contraste, os pais autoritários são exigentes e diretos, porém têm baixa capacidade de resposta. Eles exercem um alto nível de controle, sem demonstrar muita cordialidade. Os pais permissivos são menos exigentes em relação ao comportamento maduro, mas são altamente receptivos, tendendo a ser tolerantes e evitando confrontos. E, por fim, os pais negligentes ou rejeitadores não são nem exigentes nem receptivos (Scaglioni *et al.*, 2018).

Além dos estilos parentais, estudos recentes vêm avaliando as práticas parentais específicas, com foco nas que possuem relação com a alimentação e sua correlação com a qualidade alimentar infantil e o risco de desenvolvimento de obesidade (De-Jongh González; Tugault-Lafleur; Massa, 2024; Reicks *et al.*, 2023; Smith *et al.*, 2023). O mapa de conteúdo de práticas parentais de Vaughn *et al.* (2016), apresenta detalhadamente os três construtos de práticas parentais alimentares – Estrutura, Controle Coercitivo e Apoio à Autonomia – e seus subconstrutos específicos dentro de cada construto (Figura 3).

Figura 3 – Mapa de Conteúdo de Práticas Parentais.



Fonte: adaptado de Vaughn *et al.*, 2016.

Dentro dos três construtos de práticas alimentares, encontra-se o Controle Coercitivo, que é caracterizado pelo controle dos pais através da dominação, pressão ou imposição sobre as vontades das crianças. Esse tipo de controle pode envolver comportamentos parentais como punição física, privação de objetos, aplicação direta de força ou ameaças, assim como tentativas de controle que interferem no desenvolvimento psicológico e emocional da criança. Restrição, pressão para comer, ameaças e subornos, e usar alimentos para controlar as emoções são práticas dentro do controle coercitivo (Vaughn *et al.*, 2016).

Já o construto Estrutura, é caracterizado pelos pais que desempenham um papel de orientação, que estabelecem conexões claras entre as ações das crianças e as consequências que resultam dessas ações, utilizando diretrizes consistentes e expectativas bem definidas. Além disso, eles garantem que as crianças tenham conhecimento antecipado das consequências de suas ações e que recebam um retorno nítido sobre seu comportamento (Griffith; Grolnick, 2014).

Percebe-se que a estrutura pode ser aplicada não apenas para orientar o comportamento das crianças, mas também para influenciar seus pensamentos e emoções. Isso ocorre porque os pais têm a capacidade de usar essa estrutura para ajudar seus filhos a internalizar valores fundamentais. A criação dessa estrutura se entrelaça com teorias e pesquisas sobre disciplina parental, que se concentram na forma como os pais respondem às transgressões de seus filhos (Griffith; Grolnick, 2014).

A estrutura engloba práticas que envolvem a estipulação de regras e limites, a oferta de escolhas controladas, a supervisão, o estabelecimento de horários para refeições, a demonstração de comportamentos a serem seguidos, a disponibilidade de alimentos em casa e a sua acessibilidade, bem como a adoção de métodos de preparo de alimentos (Vaughn *et al.*, 2016).

Por último, foi destacado o Apoio à Autonomia, que envolve, a promoção de elementos de independência, como por exemplo dar às crianças a oportunidade de fazer escolhas e permitir que elas realizem explorações adequadas à idade (Vaughn *et al.*, 2016).

No entanto, conforme a teoria da autodeterminação, o apoio à autonomia pode ser compreendido como uma prática que promove a vontade da criança, incentivando sua capacidade de autorregulação quando os pais não estão presentes e auxiliando no desenvolvimento de um senso de responsabilidade pessoal, bem como na aceitação dos comportamentos que os pais estão tentando induzir (Schratz *et al.*, 2023).

Deste modo, o apoio à autonomia em relação ao comportamento alimentar compreende os seguintes aspectos: oferecer estrutura suficiente para que a criança possa fazer escolhas alimentares apropriadas ao seu desenvolvimento, envolver-se em diálogos com a criança para explicar as razões por trás das regras e limites relacionados à alimentação, e estabelecer um ambiente emocional durante essas interações alimentares entre pais e filhos, no qual a criança se sinta incondicionalmente amada, valorizada e aceita (Griffith; Grolnick, 2014).

As abordagens que apresentam essas características do apoio à autonomia incluem educação nutricional, envolvimento ativo da criança, encorajamento, reconhecimento positivo, discussões fundamentadas e negociações (Vaughn *et al.*, 2016).

5.4 EFEITOS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA AUTORREGULAÇÃO E COMPORTAMENTO ALIMENTAR DURANTE A PRIMEIRA INFÂNCIA

A partir desses estilos e práticas parentais, é possível moldar o desenvolvimento do padrão de aceitação alimentar das crianças, determinando quais alimentos são oferecidos às crianças e fornecendo os contextos sociais em que as crianças comem. Portanto, ambos são fundamentais na formação dos ambientes alimentares das crianças e nas suas preferências de desenvolvimento (Schratz *et al.*, 2023).

O uso de estratégias de autorregulação é um dos fatores mais significativos na previsão do sucesso na adesão a padrões alimentares saudáveis entre adolescentes. Quando essas estratégias são eficazes, elas têm o potencial de influenciar positivamente o ritmo e a quantidade de ganho de peso desde a infância até a adolescência (Tăut *et al.*, 2015).

Uma alternativa promissora para estimular a alimentação saudável em longo prazo das crianças pode ser a prática de uma parentalidade responsiva, que promova interações entre pais e filhos que sejam imediatas, contingentes e adequadas ao desenvolvimento. A paternidade responsiva é conhecida por promover o desenvolvimento cognitivo, social e emocional e pode ser importante na infância para apoiar o surgimento de habilidades de autorregulação que podem moldar o comportamento alimentar subsequente, as taxas de crescimento e o status do peso na infância (Stoeckel *et al.*, 2017).

Um estudo recente fez uma descoberta de que diversas práticas parentais estavam diretamente ligadas a uma melhor qualidade da alimentação na infância. Essa ligação de uma alimentação saudável, engloba fatores como disponibilização de alimentos saudáveis em casa (maior prevalência de alimentos in natura quando comparados com a disponibilidade de alimentos industrializados) e determinação de regras alimentares no ambiente familiar desde o tipo de lanche, até o local das refeições e o tamanho das porções (Chen *et al.*, 2021).

Outro estudo avaliou o consumo de 154 crianças australianas durante 6 dias em um acampamento de férias, relacionando o impacto das práticas parentais (restrição e pressão para comer) e da influência midiática. Como resultado, foi apresentado que as crianças que vivenciam práticas alimentares parentais que impedem a sua autorregulação alimentar apresentam uma maior vulnerabilidade aos efeitos da publicidade de alimentos não saudáveis (Norman *et al.*, 2018).

Um estudo comparativo de caso-controle avaliou em 150 indivíduos eutróficos e 90 com obesidade, a associação entre negligência parental na alimentação de adultos com obesidade na população de Jazan, uma província do sul do Reino da Arábia Saudita. O estudo revelou diferenças significativas entre os dois grupos na criação (amamentação, introdução de fórmulas alimentares, tabagismo materno durante a gravidez), parentalidade (idade materna precoce, casamento consanguíneo, percepção), atividade física (pai, mãe e sujeito) e tempo de tela (sujeito). Como resultado, avaliado por meio de pontuações combinadas para o estilo de alimentação em uma escala de negligência parental, os pais do grupo eutrófico foram considerados diligentes em comparação aos pais do grupo com sobrepeso/obesidade, que foram considerados negligentes de acordo com a escala,

considerando atividade social, domínios individuais (percepção de responsabilidade, controle alimentar) e estilo alimentar (Mattoo; Shubayr, 2020).

Uma revisão sistemática avaliou as associações de estilos parentais e práticas alimentares parentais com *snacks* infantis (alimentos/bebidas consumidos entre as refeições principal ricos em energia e pobres em nutrientes). Como resultado, foi demonstrado que uma alimentação restritiva e o acesso domiciliar a alimentos não saudáveis foram mais consistentemente associados aos *snacks* entre crianças pequenas (Blaine *et al.*, 2017).

5.5 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS

No Brasil, há três ferramentas que são mais comumente utilizadas para avaliar as práticas parentais na alimentação de crianças, são elas: Questionário de Alimentação Infantil, Escala de Comportamento dos Pais durante a Refeição e Questionário de Alimentação da Criança.

O “Questionário de Alimentação Infantil” (CFQ) foi criado por Costa *et al.* (2012) para avaliar o conhecimento sobre alimentação infantil entre pais de crianças em idade pré-escolar. O questionário contém 55 afirmações sobre alimentos e grupos alimentares (Figura 4), e é autoaplicável. As afirmações estão divididas em quatro categorias: “Alimentação e Saúde”, “Regras Alimentares”, “Crenças Alimentares da Família” e “Variedade/Diversidade na Alimentação”. As respostas são marcadas como zero para respostas incorretas (conhecimento inadequado) e um para respostas corretas (conhecimento adequado). A pontuação total é a soma das respostas corretas, sendo que uma pontuação mais alta indica um melhor conhecimento dos pais sobre a dieta da criança.

No Brasil, Silva *et al.* (2021) foram responsáveis pela tradução e adaptação cultural do QAI, adaptando as expressões e alimentos que melhor se encaixam à cultura brasileira.

Figura 4 - Versão adaptada e traduzida para a língua Portuguesa do Questionário de Alimentação Infantil.

AFIRMAÇÕES
1. A alimentação da criança não precisa ser variada
2. Uma alimentação saudável para as crianças inclui 5-7 refeições diárias
3. Um bom pequeno-almoço favorece o desenvolvimento da inteligência
4. O intervalo ideal entre as refeições é de cinco horas
5. O leite e os derivados são a principal fonte de cálcio na alimentação
6. Uma criança deve comer diariamente 3-5 peças de fruta
7. É aconselhável que uma criança coma diariamente uma porção de doces ou bolos
8. As refeições do almoço e jantar devem iniciar-se com sopa rica em hortaliças e legumes
9. Os produtos lácteos gordos são mais recomendados para a criança
10. Para uma criança é suficiente ingerir diariamente 1 copo de leite ou derivados
11. As crianças devem comer preferencialmente cozidos e grelhados
12. Na alimentação das crianças deve utilizar-se pouco sal
13. As crianças precisam de comer refeições em grande quantidade para crescerem melhor
14. A obesidade na infância aumenta o risco de obesidade na vida adulta
15. A quantidade de sal recomendada é uma colher de chá rasa por dia, distribuída por todas as refeições
16. Uma alimentação com grande quantidade de gordura, açúcar e pobre em vegetais, aumenta o risco de desenvolver doenças como a hipertensão arterial e obesidade nas crianças
17. As crianças devem comer alimentos ricos em proteínas vegetais (feijão, grão...) pelo menos quatro vezes por semana
18. A obesidade na infância aumenta o risco de aparecimento de diabetes
19. Incluir 3-4 vezes por semana bolícao ou outros alimentos idênticos nos lanches das crianças, não prejudica a sua saúde
20. As refeições diárias das crianças devem incluir carne, peixe e ovos
21. A alimentação equilibrada da criança não inclui a ingestão de água
22. As hortaliças, legumes e fruta são alimentos ricos em fibras
23. Numa das refeições diárias, a sobremesa das crianças pode ser um doce
24. A gordura é um alimento necessário ao crescimento das crianças
25. É aconselhado comer 5 porções diárias dos alimentos ricos em fibras, como as hortaliças, legumes e fruta
26. Os alimentos de origem animal são ricos em gorduras saturadas e colesterol
27. Os cereais e as batatas são as principais fontes de energia
28. Para que uma criança aceite um alimento novo é recomendável insistir em oferecê-lo entre 5-10 vezes
29. A carne, peixe e ovos são importantes para o crescimento das células
30. Os óleos vegetais, os frutos secos e o peixe são ricos em gorduras polinsaturadas
31. Os alimentos pobres em calorias são os designados por <i>fast food</i>

32. Na escolha do pão e outros cereais, deve optar-se pelos menos refinados
33. O feijão, grão e outras leguminosas, são ricos em proteínas vegetais
34. As frutas e legumes são alimentos ricos em vitaminas e sais minerais
35. O pão de mistura ou escuro é o melhor para a alimentação
36. Os produtos de salsicharia, folhados ou outros salgadinhos podem comer-se com frequência
37. O pão de mistura ou escuro é fonte de energia e fibra
38. Na alimentação da criança pode permitir-se o consumo de refrigerantes
39. Um copo de leite equivale a dois iogurtes sólidos
40. Fazer as refeições a ver TV é desaconselhado
41. A atividade física programada (desporto) é aconselhável, mesmo nas crianças fisicamente ativas
42. A ingestão de bebidas açucaradas está associada ao aumento de peso
43. As crianças não necessitam de ser fisicamente ativas
44. As crianças podem ver TV ou jogar jogos de vídeo, em média 3 horas por dia
45. As refeições em família são um ritual importante para pais e filhos
46. Não tomar o pequeno-almoço prejudica a aprendizagem na escola
47. Deve permitir-se que as crianças colaborem na confeção das refeições em casa
48. Na compra de alimentos deve ter-se em conta a lista de ingredientes existente no rótulo
49. É menos preocupante uma criança ser gordinha do que ser magrinha
50. As refeições em família devem obedecer a um horário regular
51. É aconselhável que os pais saibam o que os filhos comem no refeitório da escola
52. Na compra dos alimentos deve atender-se à sua qualidade nutricional
53. As crianças devem comer o que gostam, independentemente do valor nutritivo dos alimentos
54. O peso das crianças deve ser avaliado pelo menos uma vez por ano
55. As crianças que petiscam entre as refeições, fazem uma alimentação mais equilibrada

Fonte: Adaptado de Costa *et al.*, 2012.

O Questionário de Alimentação da Criança (QAC) se trata de um instrumento apropriado para pesquisas com pais e crianças em desenvolvimento, desenvolvido por Birch, Savage, Ventura (2007). Este instrumento consiste em 31 perguntas que testam sete fatores: quatro relacionados às percepções, preocupações e controle das práticas alimentares infantis, e três que abordam as atitudes e práticas dos pais em relação ao controle da alimentação das crianças.

As perguntas são respondidas com base na intensidade das percepções e atitudes, oferecendo cinco opções de resposta, com valores correspondentes de 1 a 5. A média aritmética dos pontos de cada fator é calculada para determinar sua presença nas atitudes e práticas alimentares dos pais, por meio de um gabarito; assim,

quanto maior a média, maior a presença do fator nas práticas alimentares (Jellmayer; Ganen; Alvarenga, 2017). A tradução e a avaliação da confiabilidade do QAC foram realizadas no Brasil por Miranda da Cruz (2012) (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Versão adaptada e traduzida para a língua portuguesa do Questionário de Alimentação da Criança

Fator	Itens	
PERCEPÇÃO DE RESPONSABILIDADE F1	1	Quando sua criança está em casa, com que frequência você é responsável por alimentá-la?
	2	Com qual frequência você é responsável por decidir qual é o tamanho da porção de sua criança?
	3	Com qual frequência você é responsável por decidir se sua criança come o tipo correto de comida?
PERCEPÇÃO DO PESO DOS PAIS F2	4	Sua infância (5 a 10 anos de idade).
	5	Como era seu peso na adolescência.
	6	Como era seu peso aos 20 anos.
	7	Como era seu peso atualmente
PERCEPÇÃO DO PESO DA CRIANÇA F3	8	Peso de sua criança durante o primeiro ano de vida.
	9	Peso de sua criança de 1 a 2 anos.
	10	Peso de sua criança na pré-escola.
	11	Peso de sua criança do pré a 2ª série.
	12	Peso de sua criança da 3ª a 5ª série.
PREOCUPAÇÃO COM O PESO DA CRIANÇA F4	13	Peso de sua criança da 6ª a 8ª série
	14	O quanto você se preocupa sobre a sua criança comer muito quando você não está perto dela?
	15	O quanto você se preocupa sobre a sua criança ter que fazer dieta para manter um peso desejável?
RESTRICÇÃO F5	16	O quanto você se preocupa sobre a sua criança ficar acima do peso?
	17	Eu tenho que ter certeza de que minha criança não come muitos doces (balas, sorvete, bolos, tortas).
	18	Eu tenho que ter certeza de que minha criança não come muitos alimentos altamente calóricos.
	19	Eu tenho que ter certeza de que minha criança não come muitos de seus alimentos preferidos.
	20	Eu intencionalmente mantenho algumas comidas fora do alcance da minha criança.
	21	Eu ofereço doces (balas, sorvete, bolos, tortas) para a minha criança como recompensa por um bom comportamento.
	22	Eu ofereço para minha criança seu alimento preferido em troca de um bom comportamento.
	23	Se eu não orientar ou regular o que minha criança come, ela irá comer muita porcaria.
PRESSÃO PARA COMER F6	24	Se eu não orientar ou regular o que minha criança come, ela irá comer muito de sua comida preferida.
	25	Minha criança deveria sempre comer toda a comida de seu prato.
	26	Eu tenho que ser muito cuidadoso para ter certeza de que minha criança come o suficiente.
	27	Se minha criança diz “Eu não estou com fome”, eu tento fazer comer mesmo assim.
MONITORAMENTO F7	28	Se eu não guiar ou regular o que minha criança come, ela poderia comer muito menos do que deveria.
	29	O quanto você mantém o controle dos doces (balas, sorvete, bolos, tortas) que sua criança come?
	30	O quanto você mantém o controle dos lanches (batatas, salgadinhos) que sua criança come?
	31	O quanto você mantém o controle dos alimentos altamente calóricos que sua criança come?

Fonte: Jellmayer, 2016.

Figura 6 - Gabarito para correção e pontuação do QAC

OPÇÕES DE RESPOSTAS E PONTUAÇÃO - QAC						
AVALIAÇÃO	FATORES	1	2	3	4	5
PERCEPÇÕES E PREOCUPAÇÕES DOS PAIS EM RELAÇÃO AO CONTROLE DAS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA	RESPONSABILIDADE PERCEBIDA (o que, quando e quanto o filho come) (3 itens)	Nunca	Raramente	Metade do tempo	Maior parte do tempo	Sempre
	PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO PESO (4 itens)	Muito abaixo do peso	Abaixo do peso	Normal	Acima do peso	Muito acima do peso
	PERCEPÇÃO DO PESO DA CRIANÇA (6 itens)	Muito abaixo do peso	Abaixo do peso	Normal	Acima do peso	Muito acima do peso
	PREOCUPAÇÃO COM PESO DA CRIANÇA (3 itens)	Despreocupado	Um pouco preocupado	Preocupado	Bem preocupado	Muito preocupado
ATITUDES E PRÁTICAS DOS PAIS SOBRE O CONTROLE NA ALIMENTAÇÃO INFANTIL	RESTRIÇÃO DE ALIMENTOS (8 itens)	Discordo	Discordo levemente	Neutro	Concordo levemente	Concordo
	PRESSÃO PARA COMER (4 itens)	Discordo	Discordo levemente	Neutro	Concordo levemente	Concordo
	MONITORAMENTO (3 itens)	Nunca	Raramente	Às vezes	Maior parte do tempo	Sempre

Fonte: Jellmayer, 2016.

A Escala de Comportamento dos Pais Durante as Refeições, desenvolvida por Hendy *et al.* em 2009 e revisada em 2016, é um instrumento estruturado que tem como objetivo avaliar e categorizar os comportamentos dos pais durante as refeições com seus filhos. Esta escala revisada é composta por uma série de perguntas que abrangem diferentes interações parentais durante as refeições de seus filhos, proporcionando uma visão abrangente sobre como esses comportamentos podem influenciar a dieta e o estado nutricional das crianças. A escala visa, primeiramente, avaliar os comportamentos alimentares dos pais, identificando e categorizando comportamentos específicos durante as refeições, como o incentivo ao consumo de alimentos saudáveis, a restrição de certos alimentos e a utilização de alimentos como recompensa ou punição. Além disso, permite analisar a influência desses comportamentos na dieta infantil, investigando como as ações dos pais afetam a ingestão alimentar e as preferências alimentares das crianças.

Petty *et al.* (2013), foram responsáveis por traduzir a *Parent Mealtime Action Scale* (PMAS) para o português-BR (Figura 7), trazendo um estudo que avaliou a estrutura fatorial e as características psicométricas desta versão. Como resultado, garantiu-se a confiabilidade de aplicação do questionário em crianças do território brasileiro.

Figura 7 – Escala de Comportamento dos Pais Durante as Refeições.

Domínio	Itens
Disponibilidade diária de frutas e hortaliças	Você dá fruta para o seu filho (a) todos os dias Você come frutas todos os dias Você come verduras e legumes todos os dias
Modelo de consumo de guloseimas	Você toma refrigerante todos os dias Você come balas ou doces todos os dias Você come salgadinho todos os dias
Uso de recompensa	Você faz com que o momento de comer seja uma brincadeira ou uma diversão para seu filho (a) Você dá para o seu filho (a) um alimento preferido como prêmio por bom comportamento Você oferece para o seu filho (a) um brinquedo ou uma atividade favorita como prêmio por bom comportamento Você oferece para o seu filho (a) uma sobremesa especial como prêmio por ele (a) comer
Muitas opções alimentares	Você deixa seu filho (a) comer o que ele (a) quiser Você deixa seu filho colocar temperos ou molhos na comida como ele (a) quer Você deixa seu filho substituir um alimento por outro que ele (a) goste Você deixa seu filho escolher quais alimentos comer, mas apenas entre aqueles que são oferecidos a ele (a)
Redução de gordura	Você impede seu filho (a) de comer demais Você faz mudanças na comida do seu filho (a) para diminuir a quantidade de gordura Você faz mudanças na sua própria comida para diminuir a quantidade de gordura
Refeições Especiais	Você come os mesmos alimentos que o seu filho Você senta com seu filho (a), mas não come Você prepara uma refeição ou alguma comida especial para o seu filho (a) diferente daquela da família Você coloca um pouco de cada alimento no prato do seu filho (a)
Limites para guloseimas	Você estabelece limites quanto ao número de doces que seu filho (a) pode comer por dia Você estabelece limites de quanto refrigerante seu filho (a) pode tomar por dia Você estabelece limites de quanto salgadinho seu filho (a) pode comer por dia
Persuasão positiva	Você diz para o seu filho (a) o quanto você gosta da comida Você diz para o seu filho (a) que será bom o sabor da comida se ele (a) experimentar Você diz para o seu filho (a) que seus amigos ou irmãos gostam da comida Você diz para o seu filho (a) que um alimento vai deixá-lo saudável, inteligente e forte
Insistência para comer	Você insiste para o seu filho (a) comer mesmo se ele (a) diz "não estou com fome" Você insiste para o seu filho (a) comer quando ele (a) está com sono ou não está se sentindo bem Você insiste para o seu filho (a) comer quando ele (a) está chateado

Opções de respostas: 1: nunca; 2: às vezes e 3: sempre. DP: desvio padrão.

Fonte: Melo *et al.*, 2017.

6. E-BOOK

Com base na literatura revisada, foi desenvolvido um material no formato de livro eletrônico (e-book), intitulado “Crescendo Saudável: Como promover desde cedo uma relação positiva da criança com a comida”. Este livro aborda conceitos essenciais, como determinantes da alimentação, autorregulação, hábitos, comportamentos e atitudes alimentares. Além disso, apresenta de maneira visual as práticas parentais tanto positivas quanto negativas, os sinais de fome e saciedade, e propõe estratégias e atividades para estimular a autorregulação nas crianças.

O e-book utiliza uma linguagem adaptada, direcionada especialmente para pais e responsáveis, e dá preferência ao uso de ilustrações para facilitar a compreensão, tornando-o um guia prático e acessível.

7. CONCLUSÃO

A partir da literatura revisada, concluiu-se que a formação do comportamento alimentar é influenciada por diversos fatores capazes de impactar nas experiências alimentares da criança desde seu nascimento, moldando suas preferências, sua autorregulação, seu relacionamento com a comida e com seu corpo e criando hábitos que podem perdurar ao longo de suas vidas.

Os fatores determinantes para a formação do comportamento alimentar infantil incluem fatores intrínsecos, como genética, gênero e idade, e fatores ambientais, sendo esses a influência de pares, da comunidade, da sociedade e, principalmente, dos pais e/ou responsáveis pela criança, que conduzem quais alimentos serão oferecidos à criança, assim como quantidades, frequência e o contexto em que serão oferecidos.

Cada vez mais estudos da literatura têm demonstrado a influência dos estilos e práticas parentais no desenvolvimento da relação da criança com os alimentos, evidenciando o potencial de trazer impactos positivos ou negativos na sua autorregulação e criação de hábitos saudáveis, dependendo da abordagem dos pais e responsáveis no momento do comer.

Práticas coercitivas podem comprometer a formação do comportamento alimentar infantil e contribuir para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, como obesidade. Enquanto a parentalidade responsiva pode ser uma alternativa promissora para incentivar a alimentação saudável das crianças a longo prazo, apoiando o surgimento de habilidades de autorregulação que podem moldar o comportamento alimentar subsequente.

Para tanto, um material educativo direcionado para pais e responsáveis foi construído, trazendo estratégias e ferramentas lúdicas para promover a autorregulação e comportamento alimentar funcional durante a primeira infância.

REFERÊNCIAS

- AGOSTONI, C.; DE COSMI, V.; SCAGLIONI, S. Early Taste Experiences and Later Food Choices. **Nutrients**, v. 9, n. 2, p. 107, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/nu9020107>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BAKER, S.; MORAWSKA, A.; MITCHELL, A. Promoting Children's Healthy Habits Through Self-Regulation Via Parenting. **Clinical child and family psychology review**, v. 22, n. 1, p. 52–62, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00280-6>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BAUGHUM, A. E. *et al.* Maternal feeding practices and beliefs and their relationships to overweight in early childhood. **Journal of developmental and behavioral pediatrics**, v. 22, n. 6, p. 391–408, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/00004703-200112000-00007>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BAUMRIND D. “Current patterns of parental authority.” **Devel. Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, pt. 2, 1971. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0030372>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- BIRCH, L. L. Child feeding practices and the etiology of obesity. **Obesity (Silver Spring, Md.)**, v. 14, n. 3, p. 343–344, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/oby.2006.45>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BIRCH, L. L.; DOUB, A. E. Learning to eat: birth to age 2 y. **The American journal of clinical nutrition**, v. 99, n. 3, p. 723–728, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.3945/ajcn.113.069047>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BIRCH, L. L. *et al.* Confirmatory factor analysis of the Child Feeding Questionnaire: a measure of parental attitudes, beliefs and practices about child feeding and obesity proneness. **Appetite**, v. 36, n. 3, p. 201-210, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/appe.2001.0398>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BIRCH, L. L.; SAVAGE, J. S.; VENTURA, A. Influences on the development of children's eating behaviours: from infancy to adolescence. **Can J Diet Pract Res**, v. 68, n. 1, p. 1-56, 2007.
- BLAINE, R.E. *et al.* Food parenting and child snacking: a systematic review. **Int J Behav Nutr Phys Act.** v. 14, n. 1, p. 146, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12966-017-0593-9>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- BOUHLAL, S. *et al.* 'Just a pinch of salt'. An experimental comparison of the effect of repeated exposure and flavor-flavor learning with salt or spice on vegetable acceptance in toddlers. **Appetite**, v. 83, p. 209–217, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2014.07.032>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Primeira Infância**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRONFENBRENNER, U. Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. **Developmental Psychology**, v. 22, n. 6, p. 723–742, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.22.6.723>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRUCE, A. S. *et al.* Apples or candy? Internal and external influences on children's food choices. **Appetite**, 93, 31–34, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2015.04.061>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CARCEA, I.; FROEMKE R. C. Biological mechanisms for observational learning. **Curr Opin Neurobiol.**, v. 54, p.178-185, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.conb.2018.11.008>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CHEN, B. *et al.* Parenting Styles, Food Parenting Practices and Dietary Intakes of Preschoolers. **Nutrients**, v. 13, n. 10, p. 3630, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390%2Fnu13103630>. Acesso em: 23 ago. 2024.

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014). **Estudo no 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CONNER, M.T. Understanding Determinants of Food Choice: Contributions from Attitude Research. **British Food Journal**, v. 95, n. 9, p. 27-31, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00070709310045059>. Acesso em: 12 jul. 2024.

COSTA, A.; OLIVEIRA, A. Parental Feeding Practices and Children's Eating Behaviours: An Overview of Their Complex Relationship. **Healthcare (Basel)**, v. 11, n. 3, p. 400, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/healthcare11030400>. Acesso em: 23 ago. 2024.

COSTA, M. G. F *et al.* Parents' knowledge about feeding: construction and validation of a child feeding questionnaire. **Rev Enferm**, v. 3, n. 6, p. 55-68, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RIII1158>. Acesso em: 14 out. 2024.

DE-JONGH GONZÁLEZ, O.; TUGAULT-LAFLEUR, C. N.; MÂSSE, L. C. Obesity-related parenting practices, styles, and family functioning: A natural experiment comparing pandemic and nonpandemic data. **J Fam Psychol**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0001196>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DING, Y; XU X. Independent and Combined Associations of Physical Activity and Screen Time With Biomarkers of Inflammation in Children and Adolescents With Overweight/Obesity. **Pediatr Exerc Sci**, v. 23, p. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/pes.2024-0007>. Acesso em 23 ago. 2024.

EDELSON, L. R.; MOKDAD, C.; MARTIN, N. Prompts to eat novel and familiar fruits and vegetables in families with 1-3 year-old children: Relationships with food acceptance and intake. **Appetite**, v. 99, p. 138–148, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2016.01.015>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ERGANG, B. C. *et al.* Breastfeeding duration and eating behavior in early childhood: a systematic review. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 23, p.

e20220074, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202300000074-en>. Acesso em 23 ago. 2024.

ESTIMA, Camilla de Chermont Prochnik; PHILIPPI, Sonia Tucunduva; ALVARENGA, Marle dos Santos. Fatores determinantes de consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem?. **Revista brasileira de nutrição clínica**, v. 24, n. 4, p. 263-268, 2009. Disponível em: <http://d700706560.tri44.triatahost.com/upload/humana/pt/Profissionais/comportamentoalimentar.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FANG, K. *et al.* Screen time and childhood overweight/obesity: A systematic review and meta-analysis. **Child Care Health Dev**, v. 50, n. 1, p. e13203, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cch.12701>. Acesso em: 23 ago. 2024.

FERNQVIST, F.; SPENDRUP, S.; TELLSTRÖM, R. Understanding food choice: A systematic review of reviews. **Heliyon**, v. 10, e32492, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e32492>. Acesso em: 21 ago. 2024.

FILDES, A. *et al.* Parent-administered exposure to increase children's vegetable acceptance: a randomized controlled trial. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, v. 114, n. 6, p. 881–888, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jand.2013.07.040>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FINNANE, J. M. *et al.* Mealtime Structure and Responsive Feeding Practices Are Associated With Less Food Fussiness and More Food Enjoyment in Children. **Journal of nutrition education and behavior**, v. 49, n. 1, p. 11–18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jneb.2016.08.007>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FORESTELL C. A. The Development of Flavor Perception and Acceptance: The Roles of Nature and Nurture. **Nestle Nutrition Institute workshop series**, v. 85, p. 135–143, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1159/000439504>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GALLOWAY, A. T. *et al.* 'Finish your soup': counterproductive effects of pressuring children to eat on intake and affect. **Appetite**, v. 46, n. 3, p. 318–323, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2006.01.019>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GERARDS, S. M.; KREMERS, S. P. The Role of Food Parenting Skills and the Home Food Environment in Children's Weight Gain and Obesity. **Current obesity reports**, v. 4, n. 1, p. 30–36, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13679-015-0139-x>. Acesso em: 27 out. 2023.

GRAMMER, A. C. *et al.* Parent-Child influences on child eating self-regulation and weight in early childhood: A systematic review. **Appetite**, v. 168, 105733, 20220. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105733>. Acesso em: 4 set. 2023.

GRIFFITH, S. F; GROLNICK, W. S. Parenting in Caribbean Families: A Look at Parental Control, Structure, and Autonomy Support. **Journal of Black Psychology**, v. 40, n. 2, p. 166-190, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0095798412475085>. Acesso em: 23 ago. 2024.

HALL, John E; HALL, E. Michael. **Guyton & Hall: Tratado de Fisiologia Médica**. 14 Ed. Rio de Janeiro: GEN, 2021.

HASBANI, E.C. *et al.* How parents' feeding styles, attitudes, and multifactorial aspects are associated with feeding difficulties in children. **BMC Pediatr**, v. 23, n. 1, p. 543, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12887-023-04369-4>. Acesso em: 23 ago. 2024.

HEATHERTON, T. F.; WAGNER, D. D. Cognitive neuroscience of self-regulation failure. **Trends in cognitive sciences**, v.15, n. 3, p. 132–139, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2010.12.005>. Acesso em: 15 out. 2023.

HENDY, H.; HARCLERODE, W.; WILLIAMS, K. E. The Parent Mealtime Action Scale revised (PMAS-R): Psychometric characteristics and associations with variables of clinical interest. **Appetite**, v. 105, n. 2, p. 283–290, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2016.05.025>. Acesso em: 12 jul. 2024

HOLLEY, C. E.; HAYCRAFT, E.; FARROW, C. 'Why don't you try it again?' A comparison of parent led, home based interventions aimed at increasing children's consumption of a disliked vegetable. **Appetite**, v. 87, p. 215–222, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2014.12.216>. Acesso em: 15 out. 2023.

JAEGER S. R. *et al.* The food choice kalei-doscope: a framework for structured description of product, place and person as sources of variation in food choices. **Appetite**, v. 56, n. 2, p. 412-423, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2011.01.012>. Acesso em: 12/07/2024.

JANSEN, P. W. *et al.* Bi-directional associations between child fussy eating and parents' pressure to eat: Who influences whom? **Physiol Behav**, v. 1, n. 176, p. 101-106, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.02.015>. Acesso em: 23 ago. 2023.

JELLMAYER, Kathleen. **Comportamento das mães e percepção materna sobre a alimentação dos filhos**. São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Nutrição) - Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2016.

JELLMAYER, Kathleen; GANEN, Aline de Piano; ALVARENGA, Marle dos Santos. Influence of behavior and maternal perception on their children's eating and nutritional status. **O Mundo da Saúde**, v. 41, n. 2, p. 180-193, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20174102180193>. Acesso em: 14 out. 2024.

JIA, P. *et al.* Environmental determinants of childhood obesity: a meta-analysis. **Lancet Glob Health**, v. 11, Suppl 1:S7, 2023. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s2214-109x\(23\)00092-x](https://doi.org/10.1016/s2214-109x(23)00092-x). Acesso em: 23 ago. 2024.

KAZMIERSKI, K. F. M.; BORELLI, J. L.; RAO, U. Negative affect, childhood adversity, and adolescents' eating following stress. **Appetite**, v. 168, n. 5766, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105766>. Acesso em: 21 ago. 2024.

LARSON, N. I. *et al.* Family meals during adolescence are associated with higher diet quality and healthful meal during young adulthood. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 107, n. 9, p. 1502–1510, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jada.2007.06.012>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MATTOO, K. A.; SHUBAYR, M. Association between parental negligence in feeding and social activity of obese adults among jazan population. **Nigerian journal of clinical practice**, v. 23, n. 10, p. 1356–1367, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.4103/njcp.njcp_553_19. Acesso em: 30 out. 2023.

MELO, K. M. *et al.* Influence of parents' behavior during the meal and on overweight in childhood. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, p. e20170102, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0102>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MENNELLA J. A. Ontogeny of taste preferences: basic biology and implications for health. **The American journal of clinical nutrition**, v. 99, n. 3, p. 704S–11S, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.3945/ajcn.113.067694>. Acesso em: 22 out. 2023.

MOURA, A. C. C. *et al.* An approach on food choice determinants: a study in the restaurants of a public market in Northeastern Brazil. **Revista de Nutrição**, v. 33, p. e190126, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-9865202033e190126>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MUNIANDY, N. D. *et al.* Complementary feeding and the early origins of obesity risk: a study protocol. **BMJ open**, v. 6, n. 11, e011635, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-011635>. Acesso em: 22 out. 2023.

MURA PAROCHE, M. *et al.* How Infants and Young Children Learn About Food: A Systematic Review. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1046, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01046>. Acesso em: 12 jul. 2024.

National Scientific Council on the Developing Child. **Connecting the Brain to the Rest of the Body: Early Childhood Development and Lifelong Health Are Deeply Intertwined**. Working Paper No. 15, 2020. Disponível em: www.developingchild.harvard.edu. Acesso em: 3 abr. 2023.

NICKLAU, S. *et al.* A prospective study of food preferences in childhood. **Food Quality and Preference**, v. 15, p. 805–818, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foodqual.2004.02.010>. Acesso em: 3 abr. 2023.

NORMAN, J. *et al.* Children's self-regulation of eating provides no defense against television and online food marketing. **Appetite**, v. 125, p. 438–444, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2018.02.026>. Acesso em: 15 out. 2023.

ORRELL-VALENTE, J. K. *et al.* "Just three more bites": an observational analysis of parents' socialization of children's eating at mealtime. **Appetite**, v. 48, n. 1, p. 37–45, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2006.06.006>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PETERS, J. *et al.* Parental influences on the diets of 2- to 5-year-old children: Systematic review of qualitative research. **Journal of Early Childhood Research**, v. 12, n. 1, p. 3-19, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1476718X13492940>. Acesso em: 12 jul. 2024.

PETTY, M. L. *et al.* Preliminary validation of the Parent Mealtime Action Scale and its association with food intake in children from São Paulo, Brazil. **Appetite**, v. 62, p. 166-172, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2012.11.024>. Acesso em: 23 ago. 2024.

RAMOS, Maurem; STEIN, Lilian M. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de Pediatria**, v. 76, n. 3, p. 229-237, 2000. Disponível em: DOI: 10.2223/JPED.160. Acesso em: 27 out. 2023.

REICKS, M. *et al.* Parenting Practices Are Associated With Adolescent Food Choices During Independent Eating Occasions. **J Acad Nutr Diet.**, v. 123, n. 10, p. 1479-1487, 2023.

RUSSELL, A.; Russell, C. G. Appetite self-regulation declines across childhood while general self-regulation improves: A narrative review of the origins and development of appetite self-regulation. **Appetite**, v. 162, 105178, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105178>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCAGLIONI, S. *et al.* Determinants of children's eating behavior. **The American journal of clinical nutrition**, v. 94, n. 6, p. 2006S–2011S, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3945/ajcn.110.001685>. Acesso em: 1 mai. 2023.

SCHRATZ, L. M. *et al.* Caregiver Influences on Eating Behaviors in Children: An Opportunity for Preventing Obesity. **Curr Atheroscler Rep.** V. 25, n. 12, p. 1035-1045, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11883-023-01171-6>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SILVA, R. A. *et al.* Cultural adaptation of the Child Feeding Questionnaire for use in Brazil. **Revista de Nutrição**, v. 34, p. e190241, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-9865202134e190241>. Acesso em 14 out. 2024.

SMITH, A. D. *et al.* Observations of parent-adolescent interactions relate to food parenting practices and adolescent disordered eating in adolescents at risk for adult obesity. **Fam Process**, v. 62, n. 4, p. 1687-1708, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12829>. Acesso em: 23 ago. 2024.

STOECKEL, L. E. *et al.* Psychological and neural contributions to appetite self-regulation. *Obesity (Silver Spring, Md.)*, v. 25, n. 1, p. S17–S25, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/oby.21789>. Acesso em: 15 out. 2024.

STORY, M.; NEUMARK-SZTAINER, D.; FRENCH, S. Individual and environmental influences on adolescent eating behaviors. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 102, n. 3, p. S40–S51, 2002. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s0002-8223\(02\)90421-9](https://doi.org/10.1016/s0002-8223(02)90421-9). Acesso em: 5 mai. 2023.

TĂŪT, D., Băban *et al.* Developmental trends in eating self-regulation and dietary intake in adolescents. *Applied psychology. Health and well-being*, v. 7, n. 1, p. 4–21, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/aphw.12035>. Acesso em: 30 out. 2023.

VAINIK, U. *et al.* Neurobehavioural correlates of body mass index and eating behaviours in adults: a systematic review. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, v. 37, n. 3, p. 279–299, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2012.11.008>. Acesso em: 15 out. 2023.

VASCONCELLOS, M. B. de; ANJOS, L. A. dos; VASCONCELLOS, M. T. L. de. Estado nutricional e tempo de tela de escolares da Rede Pública de Ensino Fundamental de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 29, n. 4, p. 713–722, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000400009>. Acesso em: 12 jul. 2024.

VAUGHN A. E. *et al.* Fundamental constructs in food parenting practices: a content map to guide future research. *Nutr Rev.*, p. 74, n. 2, p. 98-117, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/nutrit/nuv061>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VOHS K. D.; BAUMEISTER R.F. **Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications**. 3 Ed. New York: Guilford Publications, 2016.

VOLLMER, R. L.; Baietto, J. Practices and preferences: Exploring the relationships between food-related parenting practices and child food preferences for high fat and/or sugar foods, fruits, and vegetables. *Appetite*, v. 113, p. 134–140, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2017.02.019>. Acesso em: 15 out. 2023.

XIE, Q. *et al.* The Impact of Caregiver Pressure to Eat on Food Neophobia in Children with Autism Spectrum Disorder: A Cross-Sectional Study. *Children (Basel)*, v. 28, n. 11, p. 528. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children11050528>. Acesso em: 23 ago. 2024.

YEE, Andrew Z. H.; LWIN, M. O; HO, S. S. The influence of parental practices on child promotive and preventive food consumption behaviors: a systematic review and meta-analysis. *The international journal of behavioral nutrition and physical activity*, v. 14, n. 1, p. 47, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12966-017-0501-3>, Acesso em: 12 jul. 2024.